

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 9 DE SETEMBRO DE 1998

Senhor Vice-Presidente, Doutor Marco Maciel; Senhor Ministro de Estado das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros; Senhor Secretário de Comunicação Social, Embaixador Sérgio Amaral; Senhor Presidente do Conselho Empresarial dos 500 Anos, Doutor Félix Bulhões; Senhor Presidente dos Correios, Renzo Rossa; Senhores Vencedores do prêmio para a logomarca dos 500 anos; Senhoras e Senhores; Senhor Presidente do Banco do Brasil; Senhor Secretário da Comissão dos 500 Anos,

Hoje é um dia em que nós temos muitos motivos para estarmos felizes, aqui, e contentes, porque não é fácil fazer um concurso dessa natureza, que abrangeu mais de 7 mil pessoas – disse o Embaixador –, mas que, na verdade, teve como resultado a seleção de três logomarcas. E, depois de muita gente participando, aqui estão os vencedores.

E me apraz dizer que fiquei muito contente que o segundo e o terceiro lugares são de mulheres. Acho que é uma coisa importante mostrar como, no Brasil, realmente, as mulheres têm avançado na criatividade, no treinamento, no interesse. Claro que o Luciano manteve aí o facho, para evitar que houvesse, também, a exclusão dos homens. É questão de tempo.

Mas, realmente, é uma coisa que me deixa muito contente ver essa participação ativa e essa engenhosidade. Estou vendo aqui as marcas. Todas elas têm uma imaginação grande. Lá, a população brasileira abraçada, praticamente, na nossa bandeira, nos 500 anos. Aqui, os nossos 500 anos já com o sentido das caravelas, no sentido de avanço. E aqui, da mesma maneira, o próprio Brasil, resumindo, num sentido de caravela, também, uma marcha para o futuro, já num país que abriu o vôo e vai para o próximo milênio com muita confiança em si.

São sinais muito importantes e expressivos do sentimento do Brasil neste momento. Digo neste momento, porque podemos olhar as coisas sempre de um ângulo um pouco mais desanimado ou de um ângulo mais enérgico, com mais entusiasmo. Eu prefiro que se olhe com esse ângulo de mais entusiasmo. Essa logomarca mostra isso. Há um entusiasmo, que é necessário manter e preservar, porque temos razões para isso.

Daqui a poucos instantes, vou receber um representante das Nações Unidas, do Pnud, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que vai me trazer oficialmente um relatório, já foi publicado, hoje, em alguns jornais, sobre o Índice de Desenvolvimento Humano.

Parece que é um fato também importante e significativo essa coincidência de divulgarmos essa nossa logomarca dos 500 anos no mesmo dia em que é divulgado um relatório que ressalta algo em que os brasileiros têm que prestar atenção: o Brasil, pela primeira vez, em dezembro de 95 – portanto, depois do Plano Real, que começou em julho de 94 –, alcançou os países de mais alto desenvolvimento humano.

Esse índice é composto de variáveis muito simples, mas muito significativas. É o índice de renda *per capita*, é a taxa de mortalidade infantil, é a taxa de analfabetismo e a expectativa de vida. Quanto mais longa seja a população, melhor o índice. Quanto menos analfabetos, melhor o índice. Quanto maior a renda *per capita*, melhor o índice. E quanto menor a taxa de mortalidade infantil, melhor o índice. Então, é um índice muito sensível às coisas fundamentais de uma população.

Pois bem, nós mudamos de categoria. E, se nós formos olhar esse relatório, vamos ver que há outros dados, relativos a dezembro de 96, que analisam esse mesmo índice, nos vários estados do Brasil. Aí, um

ano depois, já houve um passo adiante. Quer dizer, houve um avanço, na área social.

Eu escutei, durante estes anos todos, que nós estávamos preocupados com a estabilidade e com a moeda – o que é verdade –, e não com a área social – o que é mentira. Os dados mostram que, nestes anos de desenvolvimento do Real, houve um avanço significativo. Não estamos contentes com isso, queremos mais. Um país como o Brasil, que tem 500 anos e vai fazer muitos mais milênios, precisa estar sempre avançando. Mas não se pode fechar os olhos às realidades.

O fato de que falta alguma coisa não quer dizer que não se fez. Fez-se, e ainda falta, e vamos fazer mais. Essa é a atitude dessa logomarca: fez-se, vai-se fazer mais, porque temos esperança, e vamos avançar. É claro que não se podem imaginar as transformações que nós todos almejamos, sem que haja, também, uma moeda forte e estabilidade. O Real é condição básica para todos os nossos sonhos – esses que mencionei – para educação, para saúde, para moradia. É por isso que eu tenho que, de vez em quando, tomar medidas para proteger o Real – e tomo essas medidas.

Mas, uma vez tomadas essas medidas, uma vez tendo confiança, o que acontece com o País? Ele avança. E tem que avançar no mesmo rumo, que é o rumo da estabilidade, que é o rumo da autoconfiança, que é o rumo de um trabalho de participação mais ampliada. E isso é um compromisso que eu tenho com o povo brasileiro. Tive, em 94. Tenho agora, em 98. E vou ter sempre, seja Presidente ou seja cidadão.

Eu acho que hoje – permitam-me falar sobre assuntos mais gerais do que só a logomarca – é um dia importante, porque estamos juntando essas coisas com muita esperança.

Com relação aos 500 anos, eu disse já, em algumas oportunidades, mas gosto de repetir, que temos que mostrar ao mundo que nós, aqui, construímos uma civilização. Não se trata, simplesmente, de que houve um encontro, porque houve um encontro. Havia, aqui, várias culturas dos povos autóctones, que se encontraram com outras culturas. Isso foi no primeiro momento de expansão – hoje, chama-se de globalização –, de integração do mundo com as grandes descobertas, com a expansão do capitalismo comercial. Houve um encontro de culturas.

Mas, depois, nós trouxemos imigrantes de várias origens, os escravos negros e, com essa quantidade tão diferente de contribuições, nós estamos criando alguma coisa que é nossa, que é especificamente brasileira. Existe uma marca de brasilidade. Os 500 anos vão permitir que se ressalte isso. Essa diversidade que nós somos é a nossa força. Essa diversidade é que dá, realmente, ao Brasil a possibilidade, neste milênio que se aproxima, de exercer um papel mais amplo, em nível também global, porque o mundo, como está cada vez mais unificado pelos meios de comunicação, pelos circuitos financeiros, pela produção, por tudo o mais, vai ter que se habituar a viver na diversidade.

Nós já temos esse hábito com a diferença. Há outros povos que são assim também. Ou melhor, há outras nações compostas por povos dessa natureza, também diversos. Mas, em geral, marcam diferenças, ainda quando possam conviver com elas. Aqui, nós desfazemos as diferenças. Aqui, realmente, mais do que isso, nós prezamos o fato de haver grandes diferenciações de origem, mas que se desfazem nesse cadinho realmente de recriação – e cultura é sempre isso: alguma coisa que se recria –, de reelaboração desses elementos iniciais, para formar uma coisa especificamente brasileira, que não se opõe ao universal, mas se integra ao mais geral através dessa especificidade. E é até mais fácil essa integração, porque um pedacinho desse universal, de várias partes desse universal, está aqui dentro. Nós somos já produto de muitas culturas e temos uma marca forte.

Certamente, essa matriz é uma matriz judaico-cristã-ocidental. É inegável. A nossa matriz é judaico-cristã-ocidental, que foi a matriz mais forte. Mas, ao manter-se no Brasil a matriz judaico-cristã-ocidental, nós, ao mesmo tempo, incorporamos nela outras tradições e tornamos mais flexível essa mesma matriz. Então, nós nos encontramos facilmente com muitos povos. Nós nos reconhecemos no outro, porque já, aqui, dentro de nós mesmos, temos essa imensa diferenciação e esse reconhecimento de uns pelos outros, como está espelhado aqui. E, de alguma maneira, a população brasileira está aí, distribuída e abraçada em uma mesma bandeira, ou seja, refazendo essa diversidade em alguma coisa que nos une.

Então, eu creio que há muitas razões para a comemoração dos 500 anos. Acredito que nós vamos partir para isso. Quinhentos anos não significa apenas o passado. Significa um projeto de futuro, um projeto de sociedade melhor, mais justa, um projeto de nação. Significa, também, uma capacidade – por causa dessa matriz que nós incorporamos, a ocidental – tecnológica avançada. Temos que mostrar ao mundo o que somos capazes de fazer. Não só mostrar ao mundo toda a nossa história, dos índios, dos negros, etc., do nosso passado colonial e do nosso presente, mas também que estamos nos preparando para um futuro, que vai ser um futuro que vai depender muito do desenvolvimento tecnológico, das universidades, da disseminação da cultura, realmente da generalização da informação, da capacidade de termos escolas para todos, e assim por diante.

De modo que eu quero, ao terminar, felicitá-los efusivamente pela contribuição e agradecer muito. E tenho certeza de que, com a idéia que o Doutor Bulhões mencionou aqui e a aquiescência dos Correios, do Banco do Brasil, nós vamos recolher recursos suficientes para ampliar os nossos programas na área social. Mas, até chegarmos lá, vamos fazer muito barulho para comemorar esses 500 anos – os primeiros 500 anos.

Muito obrigado a todos.

